

Parceiros da floresta

Na Amazônia, Natura financia agroindústrias comunitárias, que aumentam a renda local e desenvolvem a região sem agredir a natureza.

Em Santo Antonio do Tauá, cidade na Amazônia paraense, os pouco mais de 400 habitantes da comunidade de Campo Limpo conhecem plantas como a priprioca, a pataqueira, o estoraque e o capitiú há muitas gerações. Antigamente, essas ervas aromáticas eram usadas para banhar e perfumar os bebês recém-nascidos. Ainda hoje, são utilizadas em banhos de cheiro, especialmente nos preparativos para as festas de São João e de São Pedro, o último, padroeiro da cidade.

Foi há mais de 20 anos que estes insumos começaram a deixar de fazer parte apenas da tradição local para virar fonte de renda. Nessa época, a Natura entrou em contato com a comunidade, a transformando em fornecedora dessas plantas, usadas em cremes e perfumes da linha Ekos. “Nossa parceria se iniciou em 2002 e provocou uma transformação na vida da comunidade. Antes, a gente tinha casa de madeira, com parede de barro. Hoje, você só encontra casa de alvenaria. Também não tínhamos água encanada, nem energia elétrica”, conta Nazareno Neves Mateus.

Fundador e presidente Coopcamp – Cooperativa dos Produtores e Produtoras Rurais de Campo Limpo –, ele trabalha com a mulher, os cinco filhos adultos e mais dois irmãos na produção, colheita e venda das ervas aromáticas para a empresa. Assim como ele, os 104 integrantes da cooperativa viram sua renda crescer ao longo dos anos e, com ela, as melhorias na região. A luz elétrica foi a primeira a vir, em 2007. Três anos mais tarde, conseguiram o abastecimento de água. “A Natura tem um trabalho de desenvolver cadeias da sociodiversidade na Amazônia há mais de 20 anos. Possuímos uma estrutura que se chama GRAS (Grupo de Relacionamento com as Comunidades da



Sociobiodiversidade), que além de cuidar da segurança de supplying (fornecimento dos insumos comprados pela empresa), cuida também do desenvolvimento da comunidade”, conta Geraldo Aleandro, gerente de estratégia de sustentabilidade da Natura.

Entre as atribuições do GRAS estão dar apoio técnico e social às comunidades, fomentar a profissionalização das cooperativas e fortalecer a governança local. E parece que deu resultado. “No decorrer do tempo, a gente começou a sonhar alto, né? Percebemos que precisávamos de uma fábrica de extração de óleos essenciais (das plantas aromáticas que fornecem). Em 2020, veio a resposta que a Natura ia implantar uma fábrica aqui na comunidade”, lembra Nazareno.

Ela ficou pronta no ano passado e hoje, além de plantar e colher, eles também manufaturam a matéria-prima: na primeira entrega, feita no fim de 2024, forneceram 25 quilos de óleos essenciais para a Natura.

As agroindústrias comunitárias como a de Campo Limpo estão entre os projetos mais bem-sucedidos da Natura desde 2010, data de inauguração da primeira fábrica. A iniciativa faz parte de um programa maior de formação e integração das cadeias da sociobiodiversidade da Amazônia, envolvendo 45 comunidades, que fornecem 46 bioingredientes presentes no portfólio da marca, usados em linhas variadas, em produtos de perfumaria, corpo, cabelos e cuidados pessoais.

“As agroindústrias são um modelo de descentralização fabril, indutor de geração e de centralização de renda para as comunidades agroextrativistas”, diz Geraldo, sobre a iniciativa, que recentemente alcançou o marco de 20 fábricas deste tipo instaladas na região amazônica, todas financiadas ou cofinanciadas pela empresa. Inaugurada no fim de maio deste ano, a agroindústria comunitária da Ilha das Cinzas, no Arquipélago do Marajó (PA), é o mais recente exemplo deste projeto.

A partir de agora, os trabalhadores, que ganhavam apenas com o fornecimento da matéria-prima, acumularão a renda do produto beneficiado na fábrica local, vendendo para a Natura as manteigas do mururu, patauá e ucuuba, insumos da região usados principalmente nas linhas capilares Ekos, graças aos poderes de nutrição, fortalecimento e anti-queda de cabelo, descobertos em pesquisas da Natura.



“Com a fábrica própria, reduzimos o impacto com custo de frete, evitamos perda de matéria-prima pelo caminho e ainda conseguimos utilizar o resíduo como adubo e ração animal”, lembra Francisco Malheiros, presidente da ATAIC, associação baseada na Ilha das Cinzas, que atua há 25 anos para impulsionar as cadeias de socio biodiversidade na região e nas comunidades do arquipélago de Marajó. Co-financiada pela Natura e pela WEG, uma das pioneiras em energia solar e eólica no Brasil, a fábrica funciona 100% por meio de energia solar, outro ponto importante para o impacto tanto econômico quanto ambiental.

Composta de 70 associados na Ilha das Cinzas e mais de 400 no arquipélago, juntos, eles forneceram cerca de 120 toneladas de amêndoas de murumuru à Natura no ano passado. Antes, tudo isso era transportado de barco. Com a instalação da fábrica, este número deve se transformar em 30 toneladas de manteiga já processada, com uma logística de transporte mais simples e barata.

Seja a partir da produção de óleos essenciais, como em Campo Limpo, ou da manteiga de murumuru (entre outras), na Ilha das Cinzas, as agroindústrias conseguem aumentar em cerca de 60% a renda dessas comunidades parceiras da Natura, com um formato que pode ser adaptado e replicado em diversas regiões do país e até fora dele (vale lembrar que a Natura também está presente no Peru, Colômbia e Equador), caso das cinco agroindústrias já planejadas para os próximos anos.

Essa replicabilidade garante incremento financeiro da população local e o beneficiamento de ingredientes sem agredir a floresta graças a parcerias como a da energia solar da WEG, mantendo a floresta e outros biomas vivos e saudáveis, absorvendo carbono ao invés de emitir, protegendo e regenerando territórios. Tudo isso se traduz no que é chamado de socio bioeconomia, uma alternativa viável para combater tanto a crise climática quanto a crise de biodiversidade, e que será apresentada pela Natura na próxima edição da COP-30 (maior evento de combate às mudanças climáticas do mundo) em novembro, em Belém (PA), por meio de projetos como o das agroindústrias, mas também outros como o SAF Dendê (de produção de óleo de palma de forma regenerativa) e o Amazônia Viva (sistema de crédito e financiamento). Juntos, eles beneficiam mais de 10 mil famílias na região amazônica e pan-amazônica.

A parceria da Natura na Amazônia impacta as comunidades não só de maneira direta, mas também indireta em muitos setores. Um deles é o crescimento do protagonismo das mulheres. No caso de Ilha das Cinzas, por exemplo, o aumento da renda gerado pelo processamento das manteigas faz com que o trabalho de coleta do murumuru, feito essencialmente por mão de obra feminina, seja mais valorizado.



A própria chegada da Natura à região, em 2016, mudou o cenário de uma comunidade que trabalhava, principalmente, com açaí. “É preciso muita força para subir na árvore do açaí, então este trabalho ficava restrito aos homens. Já o murumuru cai no pé da árvore, é mais fácil de ser colhido”, esclarece Francisco. E completa. “Antes, os homens é que forneciam toda a renda da família e acabavam, por isso, tendo mais voz de decisão sobre o que fazer com ela. Agora, com as mulheres tendo seu próprio dinheiro, isso mudou.

E mudou também a autoestima delas, que se sentem mais autônomas e úteis.” Hoje, as mulheres representam 50% dos fornecedores da Natura em Ilha das Cinzas. Já em Campo Limpo, a presença feminina alcançou a liderança da região. Se Francisco cuida da cooperativa, Josiene Monteiro Seixas é a presidente da Associação dos Produtores e Produtoras Rurais de Campo Limpo (Aprocamp). É ela quem coordena a equipe de acompanhamento técnico e agroecológico – formada hoje por cinco jovens – que orienta os agricultores desde o plantio até a colheita das plantas aromáticas, respeitando a biodiversidade e as questões regenerativas da região, entre inúmeras ações de melhorias sociais.

“Hoje a diretoria da associação é 90% feminina. Já conseguimos organizar na sede da associação um mutirão de saúde para consulta médica, vacinação, medição de glicose, pressão. Também estamos lutando para conseguir mais salas de aula, porque hoje temos apenas uma, no esquema de ensino multisseriado (alunos de várias séries na mesma classe). Nosso mais recente projeto é o do ecoturismo”, diz Josiene, que ainda atua no apoio ao grupo de carimbó e ao clube de futebol da comunidade.

Além das mulheres, os jovens são outro foco tanto da agroindústria quanto das associações das comunidades locais. O projeto de ecoturismo de Campo Limpo mira justamente a juventude que, segundo Josiene, tem cada vez menos interesse pelo trabalho de agricultura. Francisco, em Ilha das Cinzas, faz a mesma constatação. “Muitos jovens saem da Ilha para estudarem fora, e não voltam, porque não querem trabalhar no campo”, diz.

Neste sentido, as agroindústrias amarram todas essas necessidades e oportunidades: por um lado, geram emprego dentro das próprias fábricas, com 12 jovens na de Campo Limpo e 8 em TAIC, a fábrica de Ilha das Cinzas. A geração de mais renda e de um produto se não industrializado, processado, abre perspectivas para novos projetos que vão além do plantio e da colheita da matéria-prima, pedindo mão-de-obra especializada em outras áreas como a da informática e comunicação nos escritórios das associações e cooperativas, além de projetos como o do ecoturismo, em Campo Limpo, e o Cozinha dos Saberes, em Ilha das Cinzas, que será montado dentro da agroindústria para catalogar receitas e ingredientes da culinária regional.

Parte de um mecanismo de economia circular socioambiental, a agroindústria mostra, ainda, como é não só possível como mais rentável preservar no lugar de destruir os recursos naturais. “Este é um modelo de desenvolvimento industrial possível para a Amazônia. Porque ele não demanda a derrubada da floresta para o desenvolvimento da indústria”, afirma Geraldo. Pelo contrário. “É um ciclo que ajuda a fomentar a ideia de que a floresta em pé vale mais do que a floresta derrubada.”